

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 2, Jul.-Dez. 2016

NEGRITUDE E GÊNERO NO CORDEL: ENSAIO SOBRE AS “HEROÍNAS NEGRAS” DE JARID ARRAES●

BLACKNESS AND GENDER IN CORDEL LITERATURE: ESSAY ON THE “BLACK HEROINES” OF JARID ARRAES

Henrique Marques Samyn(UERJ)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 08/02/2017 • APROVADO EM 10/03/2017

Abstract

The cordel chapbooks of Jarid Arraes, contemporary writer born and raised in Juazeiro do Norte, explores themes associated to race and gender. This essay intends to analyze the treatment of these issues in the “Heroínas negras do Brasil” (“Black Heroines of Brazil”) series, set of chapbooks on figures like Dandara dos Palmares, Aqualtune and Luísa Mahin, among others.

Resumo

A produção cordelística de Jarid Arraes, escritora contemporânea nascida e criada em Juazeiro do Norte, vem explorando intensamente temas associados à raça e ao gênero. Este ensaio tenciona analisar o tratamento dessas questões na série “Heroínas negras do Brasil”, conjunto de folhetos em torno de figuras como Dandara dos Palmares, Aqualtune e Luísa Mahin, entre outras.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Blackness. Gender. Cordel literature..

PALAVRAS-CHAVE: Negritude. Gênero. Cordel.



Texto integral

INTRODUÇÃO

1. “Esquecidas da História / As mulheres inda estão”: o cordel como projeto político

Concebida e publicada pela escritora cearense Jarid Arraes, nascida e criada em Juazeiro do Norte, a série “Heroínas negras do Brasil” – da qual já fazem parte cerca de duas dezenas de cordéis – tem o propósito de resgatar a trajetória biográfica de mulheres negras que, desde o período colonial até a contemporaneidade, tiveram uma atuação considerada relevante na luta antirracista. A produção cordelística de Jarid constitui um dos diversos meios pelos quais se concretiza sua militância, voltada principalmente à luta feminista, antirracista e em prol dos direitos humanos, e se desdobra em séries que incluem cordéis de temática infantil (com títulos como *As princesas africanas*, *A boneca preta de Juju* e *A bailarina gorda*) e que abordam questões mais amplamente associadas ao gênero (*Informação contra o machismo*, *A mulher que não queria ser mãe* e *Aborto*, entre outros folhetos).

A série de que trata este ensaio pode ser definida como um projeto cuja importância está em questionar frontalmente as perspectivas historiográficas que negligenciam ou deliberadamente se recusam a reconhecer vultos que confrontaram as estruturas de dominação racial, cuja eficácia ainda é intensificada pela força opressora de parâmetros patriarcais que invariavelmente incidem sobre as mulheres. Por conseguinte, o projeto de Jarid pode ser concebido como o processo de escrita de uma história alternativa, cujo foco de atenção está precisamente naquelas figuras em que as narrativas historiográficas tradicionais se recusam a reconhecer qualquer relevância ou poder de protagonismo. Essa intenção autoral de questionamento das narrativas historiográficas convencionais pode ser percebida em diversas passagens dos cordéis de Jarid Arraes:

Quem escreve a história
Lá nos livros registrada
É a branquitude cega
Do racismo idolatrada
E pra completar o quadro
A mulher é rejeitada.
(Dandara dos Palmares, p. 6)

Esquecidas da História
As mulheres inda estão
Sendo negras, só piora
Esse quadro de exclusão
Sobre elas não se grava
Nem se faz uma menção.
(Maria Felipa, p. 1)

Parece-me inadequado, entretanto, perceber nisso um mero reverso da historiografia convencional, concentrada nos principais feitos dos considerados “grandes homens”, uma vez que a construção discursiva presente nos cordéis sempre cuida de enfatizar a dimensão coletiva da atuação dessas protagonistas – o que, a meu ver, explicita a preocupação de Jarid Arraes em elaborar narrativas que valorizem a representatividade e a importância da luta coletiva para a efetiva conquista de objetivos políticos. Trata-se, de fato, de um projeto que dialoga com tendências historiográficas inovadoras que visam a resgatar contemporaneamente o protagonismo das mulheres negras, “revelando silhuetas até então encobertas pelas hierarquias de gênero e raça” (XAVIER; FARIAS; GOMES, 2012, p. 10) – mas que, empregando para tal os recursos específicos da literatura de cordel, abre-se para possibilidades expressivas que dialogam com um público amplo, o que amplifica consideravelmente seu significado político. Nesse sentido, a série “Heroínas negras do Brasil” pode ser qualificada como uma literatura empenhada, comprometida com a difusão de valores associados às lutas antirracista e feminista, e tributária da vastíssima tradição cordelística do nordeste brasileiro.

Neste texto, meu propósito será investigar os modos de figuração de mulheres negras presentes nos cordéis de Jarid Arraes, especificamente num *corpus* composto pelos seguintes folhetos: *Anastácia*, *Antonieta de Barros*, *Aqaltune*, *Carolina Maria de Jesus*, *Dandara dos Palmares*, *Luísa Mahin*, *Maria Felipa e Tereza de Benguela*. Tenciono, desse modo, apresentar algumas considerações em torno dos propósitos políticos subjacentes aos mecanismos de representação que articulam raça e gênero nessa produção literária.

2. “Mulher negra de coragem / E também de inteligência”: perfis de heroínas

A posição de escritora concede a Jarid Arraes a possibilidade de tratar as protagonistas de seus folhetos não como figuras históricas que precisam ser retratadas de forma rigorosa – tarefa que, considerando-se especificamente as figuras presentes em diversos de seus cordéis, seria efetivamente inviável, devido à escassez de documentação ou à absoluta carência de registros –, mas como personagens literárias que podem ser construídas livremente, a partir de

parâmetros estabelecidos pela intenção autoral. Nesse sentido, atentar para a maneira como os perfis das “heroínas negras” são por ela forjados é uma forma de perceber de que modo esse processo de construção literária atualiza os pressupostos políticos subjacentes à concepção da série cordelística.

No que tange à caracterização das protagonistas dos cordéis de Jarid Arraes, é perceptível a ênfase em habilidades e competências que desafiam os parâmetros patriarcais. Não há, por exemplo, qualquer propensão descritivista que ressalte os atributos estéticos das “heroínas negras”, que em vez disso são valorizadas por sua capacidade de liderança, sua disposição para a resistência ou sua consciência política. Evidentemente, cabe perceber nisso um esforço autoral em prol da construção de personagens nas quais ganhem relevo características que possam ser proveitosamente utilizadas em discursos que almejem o empoderamento de mulheres negras – o que é sobretudo relevante quando se considera que a produção cordelística de Jarid, no que tange à disseminação de narrativas em torno da herança afro-brasileira, cumpre simultaneamente as tarefas de resgatar elementos históricos e de fornecer instrumentos políticos para a luta antirracista.

Na caracterização de Tereza de Benguela, assomam sua sabedoria e traços de sua personalidade:

Mulher negra de coragem
E também de inteligência
Com talento e liderança
Com imensa sapiência
Foi Tereza de Benguela
Fonte de resiliência.
(Tereza de Benguela, p. 7)

Dandara dos Palmares é figurada como uma mulher que se destaca pela competência bélica:

As tarefas femininas
De limpar e cozinhar
Não eram do seu feitio
Que partia pra caçar
E além da plantação
Também sabia lutar.

Aprendeu a capoeira
Teve arma em sua mão
Liderava mil batalhas

Feito bravo furacão
Era tal como lansã
Do africano panteão.
(Dandara dos Palmares, p. 3)

No único caso em que há uma referência explícita à beleza consoante os parâmetros racistas e patriarcais, o discurso cordelístico trata de ressaltar o modo como foi transformada em instrumento de opressão: trata-se, precisamente, do cordel sobre Anastácia –

Mas a sua então beleza
Não lhe foi abençoada
Pois por branco abusador
Foi Delminda violentada
E por isso engravidou
Depois que foi abusada.

Sua filha, a Anastácia
Cresceu linda igualmente
Tinha os olhos bem azuis
Mas também infelizmente
O destino da sua mãe
Não lhe foi tão diferente.
(*Anastácia*, p. 3)

Cabe notar, entretanto, que as qualidades efetivamente valorizadas da personagem central desse folheto são descritas independentemente de seus atributos físicos:

Contam que era mui bondosa
E até mesmo que curava
Quem lhe chegasse doente
Sem demora auxiliava
Curandeira e carinhosa
Mesmo estando machucada.

Os procedimentos descritivos assim empregados são especialmente significativos quando lidos como um contradiscurso que se opõe diametralmente à representação predominante da mulher negra, reduzida a objeto da hiperssexualização racista-patriarcal – questão abordada pela própria autora em outro texto (Arraes, 2014) e já examinada em diversos estudos antropológicos (cf. Corrêa, 1996 e Moutinho, 2004, entre outros). Figuradas como mulheres combatentes, conscientes de sua posição política e dispostas a enfrentar as estruturas dominantes, as “heroínas negras” de Jarid Arraes escapam aos estereótipos produzidos pela trama historicamente consolidada de discursos opressores, oferecendo novas possibilidades de representação para a feminilidade negra.

3. “Do seu povo quis a luta / E pensou em se juntar”: a construção da cumplicidade

Como observei anteriormente, o discurso cordelístico de Jarid Arraes enfatiza a dimensão coletiva da atuação de suas protagonistas – algo de fundamental importância por inscrever-se em uma sociedade na qual historicamente se consolidou um “racismo difuso”, o que teve por efeito dificultar o reconhecimento da condição estrutural dos mecanismos opressores pela própria população negra (cf. GORENDER, 2000, p. 60). Atentar para o modo como essa consciência de coletividade é figurada na produção literária de Jarid Arraes implica, por conseguinte, perceber em que medida ela responde a um anseio político de “construir cumplicidades” entre as mulheres negras – expressão que deliberadamente emprego a partir de Sueli Carneiro (2011), a fim de ressaltar a busca ulterior por um esforço de superação de dispositivos racistas que persistem dentro dos próprios movimentos feministas.

No que tange ao chamado para a luta coletiva e ao reconhecimento da importância dessas “heroínas negras” para movimentos políticos contemporâneos, pode-se perceber, por exemplo, como Luíza Mahin é lembrada como uma figura de liderança, em constante articulação com levantes de sua época:

As revoltas e levantes
Dos escravos na Bahia
Tinham a participação
Que Luísa oferecia
Sua contribuição
Era de grande valia.
[...]

Mas Luísa se envolveu
na revolta Sabinada
Muito foi auxiliar
Com mensagem repassada
Pela sua inteligência
Ela deve ser lembrada.
(Luísa Mahin, p. 3)

De modo semelhante, Maria Felipa é lembrada, no folheto que lhe é dedicado, como uma arregimentadora de mulheres que decidem enfrentar as estruturas de poder vigentes:

Essa Maria Felipa
As mulheres liderou
Eram cerca de quarenta
As mulheres que juntou
E com muita ousadia
Grande incêndio provocou.
(Maria Felipa, p. 2)

Cabe também destacar o caso de Aqualtune, personagem que é inserida em uma luta coletiva, inspirando-se em negros escravizados que já se articulavam e uniam forças para resistir às estruturas opressoras:

Mas na vida de tortura
Aqualtune ouviu falar
Sobre a pura resistência
Dos escravos a lutar
E ouviu sobre Palmares
O que pode admirar.

Aqualtune se empolgou
Do seu povo quis a luta
E pensou em se juntar
Pra somar nessa labuta

Mesmo estando em gravidez
Ela estava resoluta.
(Aqualtune, p. 4)

Em diversos momentos, Jarid Arraes enfatiza a importância das “heroínas negras” para movimentos políticos atuais, o que explicita a preocupação de construí-las literariamente como figuras representativas de uma luta que está longe de chegar ao término. Assim, Dandara dos Palmares é lembrada por seu significado para o feminismo negro contemporâneo:

Para o Feminismo Negro
É Dandara um expoente
De mulher inspiradora
E de preta como a gente
Que nos serve como gás
Pra botar um fogo quente.
(Dandara dos Palmares, p. 4)

Do mesmo modo, vultos como Zeferina, Antonieta de Barros e Carolina Maria de Jesus são louvadas como figuras inspiradoras até os tempos atuais:

Apesar dessa tristeza
E de presa ter morrido
Zeferina ainda hoje
É um exemplo aguerrido
Na história do Brasil
E do povo negro unido.

Inda mais vale dizer
Que ela é inspiração
No Nordeste, na Bahia
E em toda essa nação
É por isso que merece
Toda essa memoração.
(Zeferina, p. 6)

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamentário.
(Carolina Maria de Jesus, p. 7)

É por isso que eu digo
Que Antonieta é exemplar
E além de inspiradora
Pode muito desbravar
Foi abrindo os caminhos
Pra gente também passar.

Pras mulheres brasileiras
Ela é grande liderança
Deve ser muito lembrada
De adulto até criança
Pela sua honestidade
Por sua perseverança.
(Antonieta de Barros, p. 7)

4. “Referência como exemplo”: a tarefa de construir o futuro

Este ensaio se limitou a abordar, de forma não-exaustiva, uma parte da produção cordelística de Jarid Arraes – que, como enfatizei na seção introdutória, desdobra-se em diversos outros ciclos, demandando estudos que reconheçam suas especificidades. Vale ressaltar que, no caso dessa produção literária, as questões associadas à negritude e ao gênero não se restringem aos cordéis do ciclo sobre as “heroínas negras”; de fato, uma instigante possibilidade de pesquisa seria investigar de que modo os propósitos políticos analisados neste ensaio emergem nas outras séries de folhetos, eventualmente em uma abordagem de cunho comparatista.

Por outro lado, cabe observar que o progressivo reconhecimento da relevância da produção cordelística de Jarid Arraes, perceptível pela adoção dos folhetos em iniciativas didáticas voltadas à luta antirracista e em prol da igualdade de gênero, é um irrefutável índice de seu valor político nos tempos atuais, em que se verifica novamente um recrudescimento das forças conservadoras no cenário brasileiro. Em um contexto tão adverso, as “heroínas negras” assumem uma importância ainda maior, na medida em que persistem como símbolos de uma resistência não apenas possível, mas sobretudo necessária – precisamente a fim de que possam surgir novas heroínas que perpetuem a luta pela construção de um mundo mais igualitário.

Referências

1. Cordéis de Jarid Arraes ¹

Anastácia

Antonieta de Barros

Aqaltune

Carolina Maria de Jesus

Dandara dos Palmares

Luísa Mahin

Maria Felipa

Tereza de Benguela

2. Outras referências bibliográficas

ARRAES, Jarid. A objetificação e hipersexualização da mulher negra. Revista Fórum, 4 set. 2014. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2014/09/04/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/> . Consulta em 12 dez. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. Cadernos Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero, UNICAMP, v. 6-7, 1996. p. 35-50.

GORENDER, Jacob. Brasil em preto & branco: o passado escravista que não passou. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MOUTINHO, Laura. Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Unesp, 2004.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio. Introdução. In: _____. (orgs.). Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012.

Visto que os cordéis de Jarid Arraes não trazem indicação de data e são impressos de forma artesanal, apresento o título inteiro do folheto em cada citação.

¹ Opto por uma listagem em ordem alfabética considerando que os folhetos são impressos sem indicação de data.

Para citar este artigo

SAMYN, Henrique Marques. Negritude e gênero no cordel: ensaio sobre as “heroínas negras” de Jarid Arraes. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 92-102, jul.-dez. 2016.

Os autores

Henrique Marques Samyn Professor Adjunto do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.